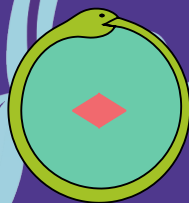
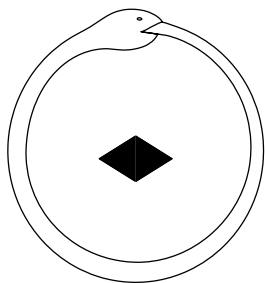


EM ESTADO DE DANÇA  
Mariana Rotili



cadernos  
SELVAGEM



## EM ESTADO DE DANÇA

Mariana Rotili

*Este texto é a versão estendida do apresentado por Mariana Rotili no [IMPACT22 – LOCAL FABRICS On Practices of Emergence](#), simpósio de artes realizado em Essen, Alemanha, entre os dias 9 a 13 de novembro de 2022 e que teve o Selvagem – Ciclo de Estudos como um dos projetos convidados.*

Olá, bom dia.

Meu nome é Mariana Rotili. Sou multi artista e pesquisadora do corpo. Venho do Brasil. Eu vivo na floresta<sup>1</sup>. Sou apaixonada por plantas e tenho com elas uma relação de intimidade. Por muito tempo essa conexão foi como uma amizade imaginária, uma comunhão silenciosa e eu me via como alguém que escondia um segredo em comum com a floresta.

Pela sorte dos misteriosos movimentos da vida, conheci o Selvagem pela internet em 2020, durante a pandemia. Fiquei profundamente encantada e envolvida. Desde então, esta tem sido a principal fonte de minhas criações em diferentes campos das artes. Para mim o Selvagem é um tipo de força que se aproxima e poliniza as flores dos *chakras* com conhecimentos e ativações. Uma escola dos sonhos que mudou definitivamente minha maneira de estudar e compreender a vida.

É sempre um desafio dizer o que o Selvagem é, posto que é algo muito vivo, tal como um organismo: respira, expande, contrai, metamorfoseia e movimenta. Concebido por Anna Dantes, orientado por Ailton Krenak, produzido por Madeleine Deschamps e realizado por um coletivo que envolve parceiros, apoiadores, participantes e público, ele nasce do desejo de fazer circular uma pluralidade de narrativas sobre a vida. Para isso ativa oportunidades de troca e coexistência de saberes de diferentes fontes, especialmente indígenas e populares, junto de cientistas, artistas e outras espécies. Os estudos – cadernos, conversas, ciclos de leitura, audiovisuais – são oferecidos gratuitamente.

---

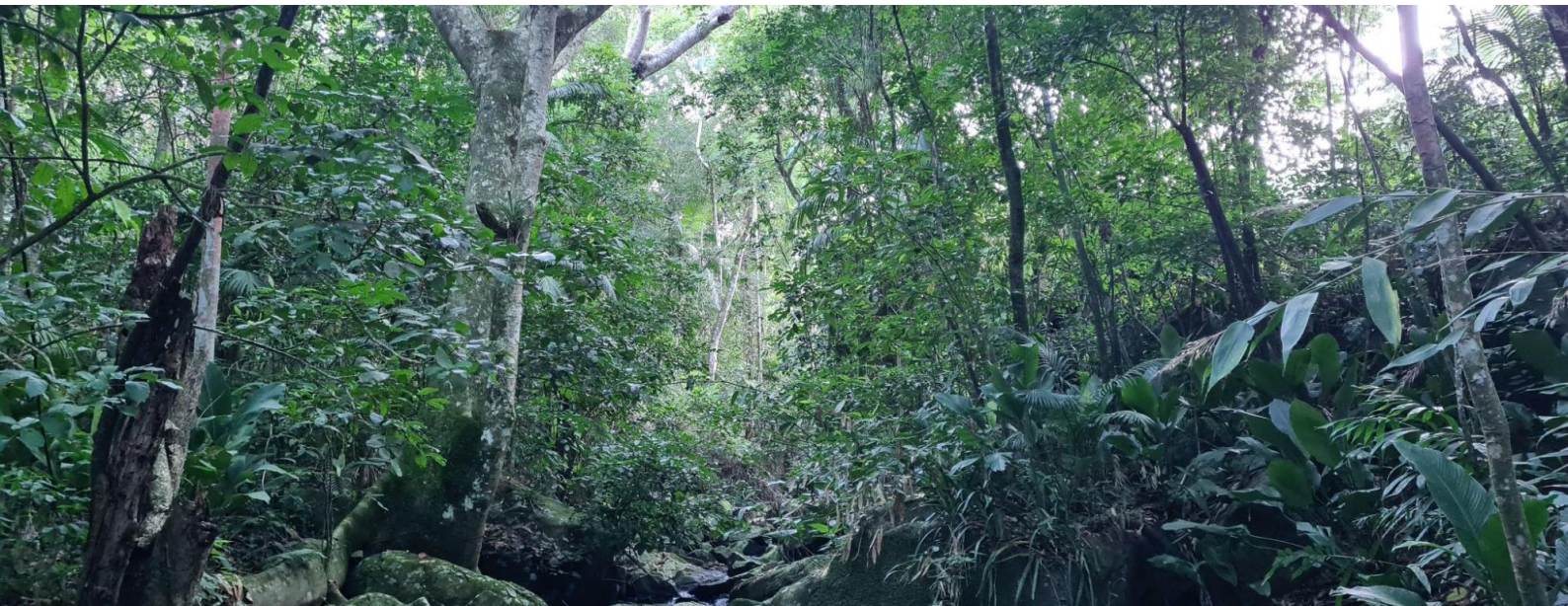
1. No que se convencionou chamar ‘floresta urbana’, como se o que estivesse dentro da cidade fosse a floresta, e não o contrário.

Fui me aproximando devagar e neste ano passei a fazer parte da Comunidade Selvagem e a trabalhar como voluntária. Hoje em dia dedico boa parte do meu tempo e energia à construção coletiva dessa experiência feita em rede colaborativa, algo que visualizo como uma teia energética que conecta uma constelação de corações dispostos a proteger a memória da origem e da continuidade da vida.

Sinto que o que mais fiz no Selvagem, até então, foi escutar. Atualmente, além de realizar minhas criações, tenho trabalhado na pesquisa, registro e divulgação de criações artísticas feitas espontaneamente por pessoas que acompanham os giros do Ciclo. Também colaboro com produções audiovisuais, trabalho na comunicação e ajudo na organização da biblioteca do Ailton.

O Selvagem oferece portais de contato com a sensibilidade profunda e sutil presente nas percepções de mundo dos povos da floresta. Para mim essas conexões, além de me fazerem contemplar e agradecer, catalisam um estado de dança com a vida. É uma magia. O que circula ali tem um alto potencial de fertilidade e me convoca a criar guiada pela sensação de que essa força me atravessa e se materializa em danças, canções, fotografias, cerâmicas... Grande parte disso é experimentando onde eu vivo, numa área de floresta ao Sul do Brasil, no bioma da Mata Atlântica, ou *Nhe'ëry*.

*Nhe'ëry* é como o povo *Guarani*, nativo da região, se refere à Mata Atlântica. Carlos Papá, cineasta e liderança do povo *Guarani Mbya* e um dos orientadores do Selvagem, conta que *Nhe'ëry* é um lugar muito sagrado e seu nome quer dizer “onde as almas se banham”. Sinto que isso é profundo e verdadeiro e acho importante trazer imagens desse lugar até vocês, para que recebam em seus olhos um tanto da força que há nele e para que se aproximem do seu ritmo.



As minhas criações nascem ali e foi desde lá que eu me encontrei com o Selvagem e passei a sentir que havia uma poética emergindo. Poética esta que vem de uma abertura e troca sutil com outras formas de vida que habitam esse território. Plantas, fungos, insetos, pedras, árvores, flores, água, líquens, sol. As plantas, em especial, são generosas professoras. Viver junto delas é um experimento de estar em interação cotidiana com mestras que nos abrem a percepção da dimensão cósmica da vida.

Quando me perguntam qual tipo de dança eu faço, já não respondo mais que é algo aproximado da dança contemporânea, de um flerte com o Butoh, para assim situar meu interlocutor, mas falo de uma dança sem forma, uma dança cósmica. Nome que me chegou pela palavra de Ailton Krenak, um dos mestres e orientadores do Selvagem. Uma dança que é acompanhada de todos os que vieram antes e todos os que virão. Uma dança em que mortos e vivos se encontram num instante mágico. Uma dança que cria atmosferas, que dá vida, que faz amizade com outros reinos, acessa diferentes inteligências.

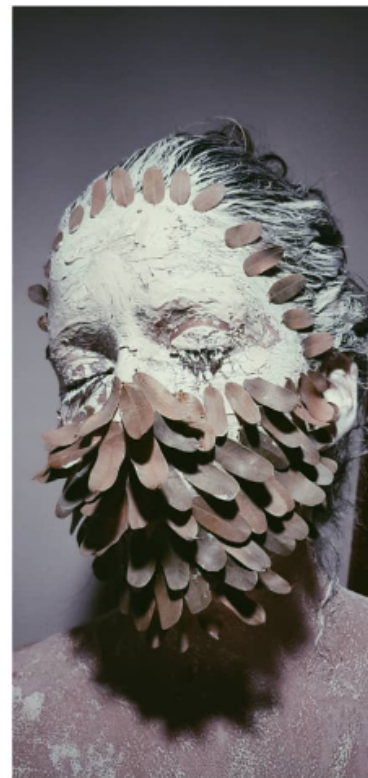
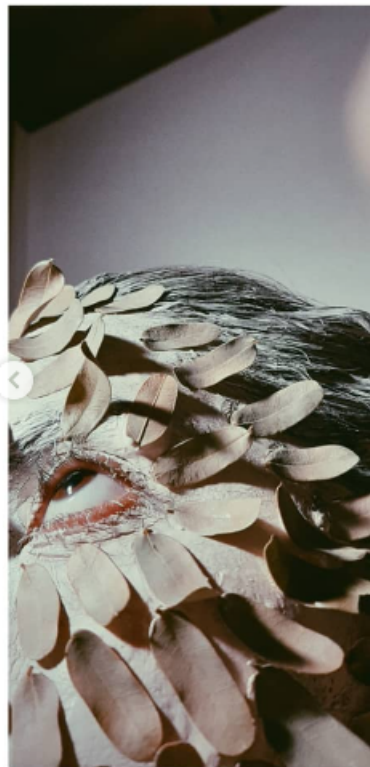
Na força sinuosa da serpente dá-se um encontro muito especial, já que através do Selvagem eu fui apresentada a outras narrativas de experiências sutis e sensíveis que me deram e dão ferramentas para aprofundar as conexões que eu experimento. Pelas falas de pensadores indígenas, artistas, benzedeiras, rezadeiras, curandeiras, cientistas populares e acadêmicos eu pude saber que não estava sozinha e nem delirando, mas sim aberta a fluxos de comunicações preciosas, conectada às dimensões invisíveis da vida, confiando na dança cósmica e experimentando-a como prática diária, não vinculada à produção de espetáculos, mas como modo de vida.

Caminhar na floresta, por exemplo, é algo que me traz muita inspiração e expande a escuta, a musicalidade, a espontaneidade. Boa parte dessas palavras que compartilho agora com vocês emergiram desse lugar. São sentimentos e pensamentos que me atravessaram enquanto eu caminhava na floresta sozinha ou com meu cachorro Ludo.

Sinto ser importante falar sobre ressonância ao contar da minha conexão com o Selvagem. É bonito perceber essa mistura entre minha pesquisa e prática artística e os conteúdos ativados pelo ciclo.

Não é sempre que vejo ou escuto algo do Selvagem que crio ou trago para uma dimensão artística o que absorvi. Mas vejo como estamos conectadas à mesma fonte. Muitas vezes eu estou em casa, fazendo as minhas coisas e sou atravessada. Eu sinto algo, coeto uma pequena pedra, uma folha, um cogumelo e começo a brincar com isso, criando imagens, músicas, dançando as energias desse encontro e no mesmo dia ou nos próximos eu entro em contato com algo do Selvagem e vejo ressonância entre meu processo, entre o que eu estou acessando dentro da floresta e o que eu vejo o Selvagem compartilhar através dos ciclos, dos cadernos, das conversas.

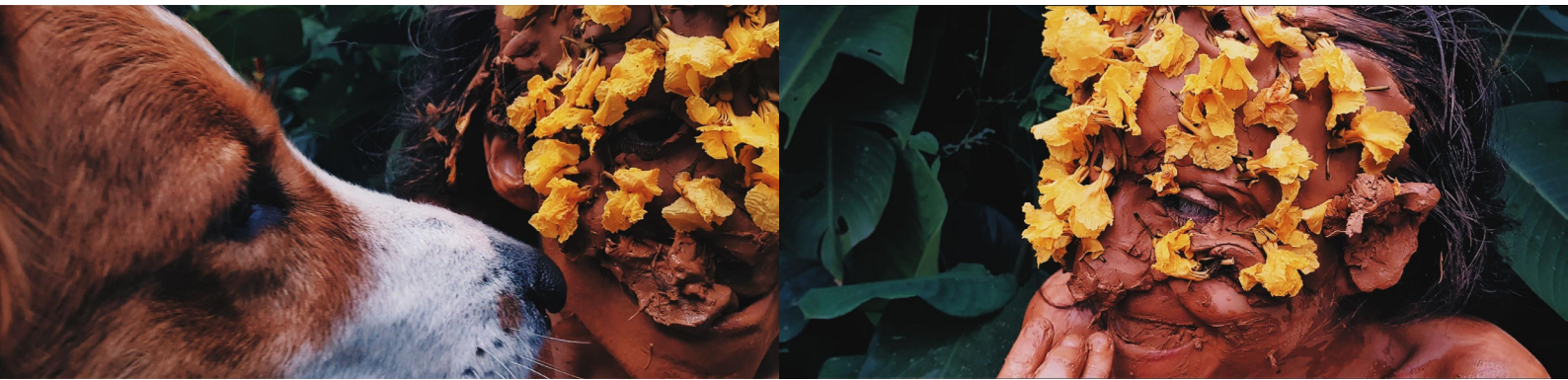
Isso vem, simplesmente acontece. E nem sempre é para ser mostrado, divulgado. Há coisas efêmeras, segredos das folhas, mistérios das pedras. Eu confio muito nisso. E entendo essa conexão como uma dança por si só que às vezes se materializa em alguma criação partilhável.



CADA PLANTA TEM UMA ENTIDADE. QUEM OLHA COM ÓCULOS GROSSEIROS NÃO VÊ, MAS PARA QUEM FAZ UM CONTATO SENSÍVEL, A PLANTA MOSTRA SUA IMAGEM. É MARAVILHOSO PORQUE ELAS SE APRESENTAM PARA QUEM ELAS QUEREM.

Ailton Krenak

Mais do que um espaço de transmissão de conhecimentos, o Selva-  
gem provoca abertura de visão. Nos leva do microscópico ao cósmico.  
E o corpo é um canal de condução e incorporação dessa ativação toda.  
Suas partilhas regaram em mim a semente da humildade e da reverência  
em relação à natureza. O entendimento de que somos coletivos, de que  
nossos corpos são galáxias ambulantes formadas por uma infinidade de  
seres. De que há serpentes duplas luminescentes bailando nas águas de  
cada célula de cada um dos seres vivos, viajando por dentro dos nossos  
corpos. Quando eu tenho contato com ideias como essas, meu corpo  
vibra e precisa dançar, corporificar. E a alegria me dá o sinal. A alegria é  
uma evidência sutil, um encaixe, um vínculo profundo com a vida



Vivenciar o maravilhoso também reforça o respeito. Na floresta,  
você tem de confiar na sua intuição e pedir permissão para dar o próxi-  
mo passo. Para caminhar. Permissão não apenas para os outros animais  
e plantas que lá vivem, mas também para a energia e para as forças en-  
cantadas. Tudo tem mãe. Tudo está vivo e se você pede permissão você  
sente a resposta no corpo. Eu sinto no meu corpo quando posso seguir e  
quando não. Quando o campo está aberto e quando está fechado. Quan-  
do tenho que avançar ou recuar. E é bom não forçar, é melhor não insis-  
tir. Porque a floresta pode dizer não.

A gente, seres humanos, só se importa com o que é capaz de sentir  
e eu vejo a arte, especialmente a dança e o movimento, como um canal  
para cultivar a sensibilidade nos corpos. E a dança muito mais além do  
campo da performance ou do espetáculo, mas como um convite a expe-  
rimentar a existência.

E no cultivo do sensível muitas vezes nós não somos jardineiros, mas sim flores. Como podemos supor que somos criadores e não criaturas de um processo? O que aconteceria se nos abrissemos para sermos cultivados pela vida, por outras espécies? Com disposição para receber e cuidar de sementes diversas, originárias, abundantes, muito além da monocultura que impera nos espíritos ocidentais?



#### GALANGA

Foto-performance inspirada nas ilustrações de Luiz Zerbini para o livro *Metamorfoses* de Emanuele Coccia (Dantes, 2020)

Carlos Papá também diz que as mãos são as flores do corpo. E elas são muito convocadas na dança cósmica. Ele também fala que no idioma guarani não existe a palavra dança. Existe **Jeroky**<sup>2</sup>. E **Jeroky** quer dizer se surgir em grão novo, como uma planta que vai fazendo uma dança, procurando um lugar para sair do solo e receber a luz do sol. Para surgir como broto flexível e florescer; dançar como quem saúda a experiência de estar vivo.

---

2. Carlos Papá fala sobre [Jeroky](#)

Uma dança que é um evento potencialmente mágico, cuja coreografia eu não controlo. Uma dança que reivindica a necessidade de sentir o sol, de brincar com luzes e sombras. Que quer evocar outros modos de habitar o corpo, que se põe a improvisar com as materialidades/entidades naturais que surgem no caminho. Uma dança que busca ser radical. Radical no sentido de radicalmente viva.

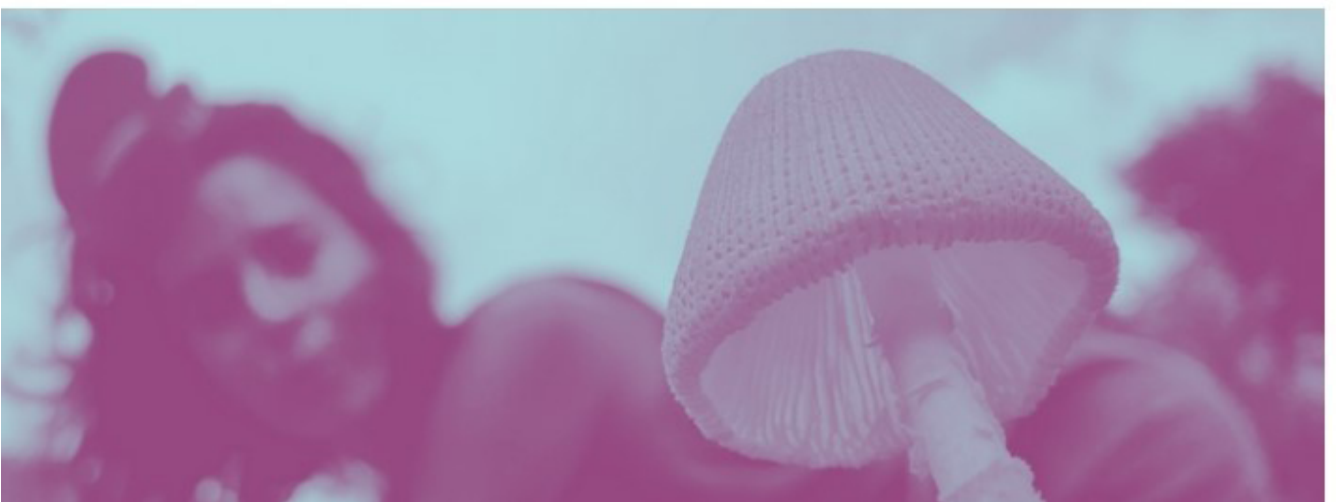
danças emaranhadas ~ coreografias e composições multiespécie



Além das plantas, os fungos me fascinam um tanto. É diferente de olhar para um cogumelo porque são efêmeros, se dissolvem. São meditativos por excelência.

Quando eu vejo um cogumelo é como se ele me visse e me sobe uma alegria tão grande que é como quando a gente está apaixonada! A gente compõe canções, canta, dança... escreve. A gente aproveita o fogo. E mais do que apenas aproveitar e curtir essa paixão, é momento de agir e usar das forças para despertar outras formas de imaginação. E ativar a visão de que nós somos tão pequenos se comparados ao quão magnífica é a vida na Terra. E isso não é romântico e nem fantasioso. Isso é real. E o Selvagem cria uma atmosfera que conecta pessoas que são apaixonadas pela natureza e que estão em busca de componentes que unam essa cisão corpo-natureza que o colonialismo patriarcal e capitalístico rasgou.





O Selvagem vem se aproximando sinuosamente da dança e eu, como uma artista do corpo, tenho clareza do enorme potencial das artes da performance em incorporar esses saberes e partilhar experiências que dissolvam essa dicotomia. Pode parecer pequeno diante do colossal desastre social e ecológico em que nos metemos, mas sinto serem atos corajosos diante da paralisia que conforma nossos corpos e achata o mundo.

O corpo é um caminho evidente de reinvenção da vida. Para reconhecer e adentrar em outros níveis de consciência, compartilhar a alma das coisas, precisamos quebrar feitiços com outros feitiços, transformar desencanto em encanto. Preparar espaço para um novo tempo. Tanto o aprendizado com outras espécies quanto as práticas de movimento são vias de expansão da percepção e da consciência e de salto para além do cotidiano de baixas intensidades que acomete a maioria das pessoas. Tecnologias ancestrais para desanestesiarmos corpos sequelados pelos ritmos de alta produtividade. Precisamos de descanso, de cuidado, de tempo, de silêncio, de regeneração. Isso a floresta ensina.

## A FLOR DA VOZ

Pessoalmente, tenho vivido um processo muito forte de canalizar canções e sinto o canto como a coroação dessa disposição amorosa para com a vida. Inspirada pela maestria das plantas, recebo cantos que emergem do aprendizado com a floresta. E nesse caminho encaro o canto como uma missão maior. Sou alçada a uma outra experiência de tempo, tempo radial, tempo espiral, tempo circular, tempo mítico, tempo de presença. Ficou impossível desviar da dimensão espiritual da arte.

E canto não só para os humanos, para soar bem. Canto para e com as plantas, pedras, céu, células. Com a dimensão de reza, do delírio, do prazer. Pelo canto eu tento escutar o que desejam as outras formas de vida.

Em setembro desse ano eu tive a linda oportunidade de compartilhar pessoalmente alguns desses cantos em uma residência imersiva chamada Mulheres, Plantas e Cura, filha da parceria entre o Selvagem e a Chã – Coletiva da Terra. Foi no território de Maria Silvanete Lermen no

interior de Pernambuco, sertão nordestino, numa cidade chamada Exu. Exu, na cosmologia afro-brasileira, é o senhor que abre os caminhos. Foi muito emocionante oferecer esses cantos para essas mulheres, nesse lugar, sob essa energia.

Uma das canções, nomeada *Caminho*, foi recebida como uma espécie de síntese das visões que o Selvagem abriu em mim e virou um videoclipe<sup>3</sup> lançado no canal do Selvagem. Recebi como um presente da vida essa janela em que a minha voz foi acompanhada por imagens feitas nas estradas durante essa viagem pelo Brasil profundo.

*Caminho* compõe A FLOR DA VOZ, o projeto matriz ao qual tenho me dedicado desde 2019. Ele nasce de uma coligação espontânea com o reino fungi e tem irradiado canções, danças, fotos e vídeo performances, num movimento de olhar para o céu e para o chão e tramar artes, ciências e cura.

A FLOR DA VOZ<sup>4</sup> é um processo que vem se abrindo desde o meu encontro com uma imagem. Em 2019 eu estive em Oaxaca, no sul do México, e avistei, em uma banca de revistas na praça central, um pôster com a fotografia em preto e branco de uma senhora muito expressiva. Intrigada com os gestos e com a força que aquele corpo emanava – algo semelhante à corporeidade trazida pelo Butoh – soube que se tratava de Maria Sabina, a sábia dos cogumelos. Minha atenção foi magnetizada pela história de Sabina e por sua ligação com o reino fungi. Sabina realizava cerimônias de cura em que canalizava cantos ao ingerir os niños santos, cogumelos mágicos da espécie *Psilocybe cubensis*. A conexão cósmica entre os fungos e a voz acendeu minha curiosidade e desde então busco me relacionar com esses seres pelas vias da arte, magia, ciência e medicina.

No processo de incorporação desses saberes, canções começaram a aflorar através da voz, num canal de composição que é nutrido pelas experiências na floresta onde vivo e que se ramifica em parcerias humanas e não humanas, narrando as linhas de vida emaranhadas e sintetizadas pelos fungos, ancestrais mais antigos da Terra e incansáveis criadores de mundos.

---

3. Um *filme* de Elisa Mendes:

4. *Vídeo* do processo de pesquisa e experimentação.

Tenho feito as primeiras partilhas desse trabalho de construção de pontes entre diferentes núcleos de interesse pela sabedoria fúngica e a organização do material levantado em um experimento cênico-musical e na produção de meu primeiro álbum como cantora-compositora.

O micélio, rede comunicativa tramada pelos fungos, é uma imagem que impulsiona e aprofunda a minha pesquisa. Essa teia incontrolável que faz a troca de informações na floresta é meio, via de passagem. Mais do que transmitir o fascínio por um grupo tão importante como é o dos fungos, essas criações existem para sensibilizar e iluminar a capacidade regenerativa que esses elos podem firmar ao cultivar mundos de florescimento mútuo. Num contra movimento, um meio de resistir à pulsão de furar, saquear e poluir a biosfera, que é nossa casa comum, a única que temos.

Como artista brasileira que sobreviveu aos últimos quatro anos de destruição das políticas culturais em seu país, tenho também me dedicado à busca de fundos para a realização desse meu primeiro álbum como cantora e compositora, assim como para o show de lançamento desse trabalho. Espero, numa próxima oportunidade, ter a alegria de apresentá-lo.

Agradeço ao Selvagem pelo amor, suporte e confiança, ao Impact pelo convite e a vocês por estarem aqui.

Aprendiz da floresta. Artista e livre pesquisadora. Nasci no dia 10 de fevereiro de 1989, no Rio Grande do Sul. Vivo em Florianópolis, na floresta do canto da lagoa. Através de canções, fotografias, vídeos, performances, danças e outros escritos, venho compondo um corpo de trabalho alimentado por forças invisíveis e simbióticas. A escuta e a regeneração corpo-natureza é a base de minha pesquisa solo e fermenta também os coletivos que integro. Colaboro com o Selvagem - Ciclo de Estudos.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Victoria Mouawad e a editoração de Isabelle Passos.

Mais informações em [selvagemciclo.com.br](http://selvagemciclo.com.br)

